



O AMOR COMO REVELADOR DA VIDA EM ORTEGA Y GASSET

Love as a revealer of life in Ortega y Gasset

José Cavalcante Lacerda Jr.
IFAM

Resumo: O raciovitalismo do filósofo espanhol Ortega y Gasset traz uma significativa contribuição ao contemporâneo, isto é, seu comprometimento com o fundamento mais radical da existência: a vida. A teoria raciovitalista aprofunda em seu percurso filosófico a concepção de um ser humano imerso em suas circunstâncias, lugar-base para a construção do ser gente, ser histórico, ser futuro, ser que ama e, por isso, se autocompreende e se revela. Imerso nesse contexto, o presente texto buscou apresentar um recorte da filosofia de Ortega y Gasset, o amor. Para tanto, busca demonstrar os traços gerais de sua teoria e suas implicações na relação do eu com o outro, sendo assim o amor uma manifestação da vida. Enquanto instrumento metodológico, tal estudo tomou como ponto de partida a pesquisa bibliográfica, a qual esteve voltada para a compreensão do contexto histórico, visando destacar o amor como revelador da vida. Mediante essa investigação, verificou-se que a compreensão da perspectiva filosófica de Ortega sobre o amor constitui-se como uma reflexão emergente e urgente sobre a vida, de modo particular, a “minha vida”. E ainda, o raciovitalismo orteguiano ao se referir ao amor o compreende como um fenômeno humano, que não está no campo da transcendência ou no campo das ideias, mas circunscrito no encontro da pessoa com seu sujeito amado. Tal itinerário revela o caráter de encontro que demanda da compreensão do amor, em outras palavras, amar é uma vivificação constante e uma perene criação e conservação intencional do amado na “minha vida”.

Palavras-chave: Raciovitalismo. Amor. Transmigração.

Abstract: The ratiovitalism of the Spanish philosopher Ortega y Gasset makes a significant contribution to the contemporary, that is, his commitment to the most radical foundation of existence: life. The ratiovitalist theory deepens in its philosophical path the conception of a human being immersed in his circumstances, the base place for the construction of being people, being historical, being future, being who loves and, therefore, self-understands and reveals himself. Immersed in this context, the present text sought to present an outline of Ortega y Gasset's philosophy, love. To this end, it seeks to demonstrate the general features of its theory and its implications in the relationship between the self and the other, thus, love is a manifestation of life. As a methodological instrument, this study took as a starting point bibliographic research, which was aimed at understanding the historical context, aiming to highlight love as a revealer of life. Through this investigation, it was found that the understanding of Ortega's philosophical perspective on love constitutes an emergent and urgent reflection on life, in particular, “my life”. And yet, Ortega's ratiovitalism when referring to love understands it as a human phenomenon, which is not in the field of transcendence or in the field of ideas, but circumscribed in the encounter of the person with his beloved subject. Such an itinerary reveals the character of encounter that demands understanding of love, in other words, loving is a constant enlivening and a perennial creation and intentional conservation of the beloved in “my life”.

Keywords: Ratiovitalism. Love. Transmigration.

Introdução

O amor é um dos temas mais abordados ao longo da história humana e um dos que mais tocam a existência de cada um. Buscar suas características e suas formas de manifestação instigaram o ser humano a necessidade de compreendê-lo e, ao mesmo tempo, visualizá-lo nas relações do cotidiano.

Não se pode e é impossível negar esta dimensão da vida humana. O amor envolve e torna a vida um palco de acontecimentos significativos, pois ele conduz, imediatamente,

à consciência de si, ao encontro com o outro, sendo, portanto, a uma experiência de interação. O amor, mostra-se, ainda, como algo atrelado a estima do ser humano por si, por alguém ou por alguma coisa.

As definições e os conceitos sobre o amor são vastíssimos. No universo grego, por exemplo, a concepção de amor remete a pelo menos três significados: a) *Eros*: atração sexual entre um homem e a mulher; b) *Filia*: aglutinado na amizade e fraternidade; c) *Ágape*: o amor caridoso e que se doa, utilizado na tradição cristã para referir-se ao amor de Deus.¹ Estes conceitos, ainda perpassam por todas as esferas do saber, como o artístico, científico, filosófico e teológico.

Na perspectiva filosófica, Platão concebe o amor como a fonte geradora da genialidade dos sábios e a expressão máxima da busca pelo belo. Para o autor do mito da caverna: “o amor é o amor pelo belo.”² O filósofo existencialista Schopenhauer ao tratar sobre o amor afirma que esta questão se vincula à conservação das futuras gerações. “Por muito desinteressada e sublime que possa parecer a admiração pela pessoa amada, o fim último é tão-somente a criação de um novo indivíduo [...]”³ Em outras palavras, a finalidade do amor é a procriação da espécie humana.

Na tradição teológica, por exemplo, o apóstolo Paulo em sua primeira Carta aos Coríntios elabora um hino sobre o amor. Suas características – paciente, sem inveja, sem presunção, sem orgulho, sem interesse, alegre na verdade – se apresentam como parte integrante da pessoa. Sua origem reside em Deus e produz um conhecimento longe da imperfeição e confusão.

Nesses três itinerários (São Paulo, Platão e Schopenhauer) percebe-se faces do amor, as quais sumariamente representam as relações humanas no seu permanecer existencial. Ou seja, o amor perpassa a dimensão da individualidade, provoca um encontro com algo ou outra pessoa e, pode ainda, estabelecer a sintonia com o absoluto. Amar é um direcionar-se a si, ao aos outros, a Deus.

Contemporaneamente, o entendimento sobre o amor está intimamente ligado ao prazer. As redes sociais, os veículos de propagandas, as publicidades, etc. interpõem no mercado produtos que estimulam esta relação, como livros, filmes, músicas, comerciais publicitários e vestuário, etc. A compreensão sobre o amor é impregnada de uma aventura que “carrega” o hedonismo e o efêmero como são chaves de leitura para a vida individual e coletiva.

Com efeito, entre tantas abordagens diversas e possíveis para refletir e discutir sobre o amor, o presente artigo pretende apresentar a visão de Ortega y Gasset. Para tanto, busca demonstrar os traços gerais de sua teoria e suas implicações na relação do eu com o outro, sendo assim, o amor como manifestação da vida. Recorda-se ainda, que a compreensão orteguiana nasce a partir do seu conhecimento sobre a realidade que o circunda, isto é, as circunstâncias em que se encontrava o homem e a mulher espanhola de sua época.⁴

Dessa forma, essa pesquisa possui uma natureza qualitativa,⁵ por intermédio de uma revisão bibliográfica.⁶ Sendo assim, o presente texto está organizado em três tópicos: 1) Fundamentos do raciovitalismo de Ortega y Gasset; 2) A teoria orteguiana sobre o amor; 3) O amor como transmigração. Acredita-se, assim, que os dados advindos desse estudo possibilitam uma reflexão acerca da problemática do amor, tendo como parâmetro a teoria raciovital orteguiana.

1) Os fundamentos do raciovitalismo de Ortega y Gasset

¹ Cf. ABBAGANANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

² PLATÃO. *O Banquete*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.36

³ SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Amor*. São Paulo: Martin Claret, 2001, p.27.

⁴ Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *História como sistema*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

⁵ Cf. YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa: do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

⁶ Cf. MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.

Os problemas experimentados em seu tempo estimulam Ortega y Gasset a enveredar na reflexão filosófica. O contexto social e político da Espanha do século XIX é marcado por um atraso cultural, que se estende até o período pós-guerra. Fragmentada e dividida a Espanha não acompanhará o desenvolvimento dos demais países europeus. Aliado a esse contexto, o pensamento espanhol está alicerçado na tradição escolástica que comungará da tradição religiosa da Espanha no decorrer deste século.⁷

O pensamento orteguiano se constitui, ainda, em uma análise do cenário europeu que se firma: “Há um fato que, seja para o bem ou para o mal, é mais importante na vida pública européia do momento. Esse fato é o advento das massas ao pleno poderio social.”⁸ Perante esta situação, Ortega constroi sua proposta de uma nova maneira de filosofar, que corresponda a construção de uma realidade espanhola que acompanhe os novos itinerários modernos, bem como busque superar o modelo idealista-moderno-europeu, que coisificou o eu.

A filosofia orteguiana flui como uma exigência de seu tempo. Para Ortega, as soluções racionalistas não são suficientes. É necessário buscar uma proposta que vise responder aos desafios de seu tempo. Esta inspiração leva o nosso autor à formulação do tema central de sua filosofia. Seu sistema filosófico consiste, basicamente, na conjugação entre vida e razão, ultrapassando as contradições inerentes a estes aspectos. Eis a razão vital ou raciovitalismo.

Gasset situa categoricamente a razão, não como uma situação antagônica à vida, mas como via facilitadora do fazer humano. Encontra na vida a realidade radical. Assenta-se aí sua resposta ao problema em que a filosofia de sua época estava passando. “O problema fundamental da filosofia é de definir esse modelo de ser, essa realidade primária que a chamamos ‘nossa vida’ [...] pela primeira vez, a filosofia parte de alguma coisa que não é uma abstração.”⁹

Para a condução de sua teoria, Ortega busca superar as dificuldades e os meios que podem dificultar sua formulação. “Um dos pontos fundamentais da filosofia da Razão Vital é estabelecer uma estratégia para entender a vida sem menosprezar o papel que nela a razão exerce como sua intérprete e facilitadora.”¹⁰

Tendo este cuidado, Ortega põe em críticas as respostas vitalistas e racionalistas de sua época e elabora um percurso que ultrapasse suas fragilidades por intermédio do raciovitalismo. Ortega relata que o termo vitalismo é um vocábulo de múltiplos sentidos e, conseqüentemente, possui uma dificuldade inicial, isto é, este termo perpassa a ambigüidade, pois ele pode-se referir tanto às doutrinas que se relacionam com as ciências quanto com a própria filosofia.

Enquanto ciência biológica, a vida é considerada como fenômeno orgânico baseado em princípios físico-químicos.¹¹ Todavia, esta modalidade não qualifica o vitalismo como filosofia. Ortega distingue três formas para expressar o vitalismo no âmbito filosófico:

a) vitalismo como teoria do conhecimento: a teoria do conhecimento está ligada às mesmas leis que regem o processo biológico;

b) vitalismo como método de conhecimento: a razão não é um modo superior do conhecimento e está colocado em segundo plano, pois existe um conhecer mais profundo. O exercício deste tipo de conhecimento ocorre quando não se pensa conceitualmente, mas vivenciado intimamente com a análise¹². A vida neste sentido é entendida como um método de conhecimento frente ao método racional;

⁷ Cf. CASAGRANDE, Lino. *Vida e razão: a crítica de Ortega y Gasset à filosofia contemporânea*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

⁸ ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 41.

⁹ ORTEGA Y GASSET, José. *Que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1971, p. 156.

¹⁰ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p.49.

¹¹ Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *Ni vitalismo ni racionalismo. Obras Completas*. 2. reimpressão, v. III. Madrid: Alianza, 1994.

¹² Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *Ni vitalismo ni racionalismo. Obras Completas*. 2. reimpressão, v. III. Madrid: Alianza, 1994.

c) vitalismo como filosofia da vida: a filosofia possui um método racional, mas centra a reflexão filosófica sob o problema da vida. Esta é a postura que Ortega se aproxima, isto é, ele não descarta a razão, como muitos vitalistas fizeram, mas entende que se faz necessário repensar a sua posição frente à vida e tratar a relação razão e vida no primeiro plano.

Por outro lado, Ortega aponta que a grande dificuldade e o erro do racionalismo é colocar a razão num lugar tão alto e ilimitado que para conhecer a realidade basta acreditar que as coisas são exprimíveis pelas ideias. Isto para Ortega é uma cegueira, “as coisas têm uma conexão diferente da que existe em nossas ideias e o racionalismo é justamente o exagero de supor que conhecer é impor ao mundo o ser do espírito.”¹³

Este seu posicionamento revela que não há um retorno a um realismo e muito menos um refinamento do idealismo. Porquanto, para este filósofo espanhol assim como o racionalismo e o vitalismo obscureceram a noção de vida, o realismo e o idealismo galvanizaram a história da filosofia. Por isso, faz-se mister explicitar como o filósofo superou estas duas facetas do entendimento humano, ou seja, o realismo e o idealismo.

O realismo, que possui suas origens no contexto grego, recai sobre a ingenuidade de acreditar que conhecendo as coisas tais como se apresentam, estas constituem a compreensão da realidade. A objetivação da verdade pressupõe conceber a subjetividade, apenas como receptáculo de uma verdade que não perpassa o contexto interior do eu. A mente é passiva. É como se fosse um grande espelho que reflete fielmente a coisa.

Já o idealismo concebe a realidade como dependente da consciência, pois o sujeito cognoscente constrói a realidade através do percurso que a subjetividade, inseparavelmente, da consciência elabora. O idealismo se posiciona à frente do realismo pelo fato de

ao deixar em suspenso a realidade do mundo exterior e descobrir a realidade primordial da consciência, da subjetividade, o idealismo levanta a filosofia a um novo nível, do qual já não pode descer, sob pena de retroceder no pior sentido da palavra. O realismo antigo, que parte da existência indiscutível das coisas cósmicas, é a ingenuidade filosófica é a inocência paradisiaca.¹⁴

Todavia, esta sua posição o instiga a afirmar a necessidade de um aprimoramento, pois, “na tese idealista, o eu, o sujeito, absorve o mundo exterior. O eu se encheu ingurgitando o Universo. O eu idealista é um tumor: nós necessitamos lancetar esse tumor.”¹⁵ Estes dois ângulos de entendimento da realidade revela o desafio, em que o nosso filósofo vai se embrenhar, ou seja: superar a coisificação do sujeito (eu) sem voltar à objetivação realista.

Para a realização satisfatória desta problemática, Ortega efetuou alguns passos: a) assim como os gregos perguntam-se sobre o fundamento da realidade, assim também, faz nosso pensador; b) diferentemente, do que pensou o idealismo, o mundo não é somente resultado da representação do eu; c) não existe objetivação sem subjetividade e nem esta daquela, pois ambas são simultâneas e coexistentes.

Este fato é a existência conjunta de um eu ou subjetividade e seu mundo. Não há um sem o outro. Eu não me dou conta de mim senão como dando-me conta de objetos do contorno. Eu não penso se não penso coisas – portanto, ao achar-me a mim acho sempre diante de mim um mundo. Eu, enquanto subjetividade e pensamento, me encontro como parte de um fato dual cuja outra parte é o mundo. Portanto, o dado fundamental e

¹³ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p.51.

¹⁴ ORTEGA Y GASSET, José. *Que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1971, p.137.

¹⁵ ORTEGA Y GASSET, José. *Que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1971, p.138-139.

insofismável não é minha existência, não é eu existo – porquanto é minha coexistência com o mundo.¹⁶

Esta relação recíproca, eu e coisa, perpassa dentro daquilo que Ortega chamou de realidade radical de toda existência: a vida. A vida é o agora e é ele, o agora, que constitui a vida de cada um. Desse modo, a vida é pontual, pois, é nela que se aglutinam o passado e o que está por vir. É, portanto, um ponto forjado por aquilo que fazemos agora.¹⁷

Ela de forma alguma deve estar à mercê das categorias da razão, mas é nela que acontece o intercruzamento sujeito-objeto. A razão não é a base da existência e muito menos um contraponto com a vida, mas é o instrumento que está a serviço da vida. Panoramicamente, pode-se sintetizar este percurso raciovitalista orteguiano em alguns pontos, como segue:

a) nem vitalismo nem racionalismo; e nem idealismo e nem realismo, mas razão vital;

b) o mundo é um dado, onde se revela a vida;

c) nem só o eu nem só coisa, mas o eu e as circunstâncias;

d) a vida é a realidade emergente de todas as outras.

A reflexão sobre o raciovitalismo compreendida em seu contexto ganha solidez na medida em que se conhece a vida de seu autor, identificando suas influências e percepções acerca do seu projeto filosófico. Ortega y Gasset concebe a vida de forma particularizada, arraigada na realidade que está em seu entorno. “Soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo, no me salvo.”¹⁸

No entanto, tal vida não é determinada pelas circunstâncias. O ser humano enquanto projeto a ser construído assume as rédeas de sua perspectiva e busca-se salvar. Não são as circunstâncias que determinam o agir e o fazer da vida, mas o próprio sujeito que em meio a ela se apropria de sua realidade e tem a capacidade de se transformar e garantir sua vida.

Portanto, o raciovitalismo orteguiano é uma compreensão da realidade na qual o sujeito está inserido. O encontro da minha vida, realidade radical, com a circunstância é o percurso que ilumina a construção do ser gente, ser histórico, ser futuro, ser humano. Envoltos a essas perspectivas, Ortega concebe suas reflexões sobre o amor.

2) A teoria orteguiana sobre o amor

A partir dos fundamentos da razão vital, Ortega concebe o amor como resultado da ação experimentada por cada indivíduo em seu cotidiano. O amor é, assim, um fenômeno tipicamente humano, descartando qualquer noção que se destine a tratá-lo como obra de forças externas, como Deus ou como “uma infinitização das vicissitudes amorosas, que culminam em algo fora da vida humana e por isso mesmo sempre destinado ao fracasso.”¹⁹

Para Ortega o amor é um dado imprescindível à vida e por isso inspira a cada um desenvolver sua existência. Esse aspecto aglutina o fato de o amor constituir, em sua essência, como uma escolha situada no indivíduo. “[...] E, como nasce do centro pessoal, da profundidade anímica, os princípios seletivos que a decide são, ao mesmo tempo, as preferências mais íntimas e arcanas que formam nosso caráter individual.”²⁰

Ortega pretende entender o amor na intimidade do homem e da mulher, através de sua teoria dos estratos. Em que consiste esta teoria? Para o filósofo tanto o homem como a mulher são compostos de três regiões, que podem ser observadas através da sua

¹⁶ Idem, p. 153.

¹⁷ Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *Unas Lecciones de Metafísica*. México: Editorial Porrúa, 1998.

¹⁸ ORTEGAY GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. In.: *Obras completas de José Ortega y Gasset*. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966, p. 322.

¹⁹ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p.301.

²⁰ ORTEGA Y GASSET, José. *Estudios sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960 p.138.

personalidade significando, conseqüentemente, uma análise da intimidade humana. Ressalta-se que tais estratificações são categorias descritivas e não metafísicas.²¹ As três regiões referidas por este pensador espanhol são a vitalidade, a alma e o espírito²². Diz ele:

O primeiro estrato, a vitalidade ou alma corporal, envolve todas as experiências internas do corpo, como o cansaço. De acordo com a intensidade desta “energia vital” a pessoa pode centrar sua preocupação, de forma exclusiva para si, deixando de lado o que se passa por sua volta, podendo causar a angústia. Daí o fato de muitos filósofos passarem por esta experiência. Esta região se situa no subsolo do íntimo de cada um. Em síntese, Ortega y Gasset destaca que:

A este alma carnal, a este cimento y raíz de nuestra persona debemos llamar “vitalidad”, porque en ella se funden radicalmente lo somático y lo psíquico, lo corporal y lo espiritual, y no sólo se funden, sino que de ella emanan y de ella se nutren. Cada uno de nosotros es ante todo una fuerza vital: mayor o menor, rebosante o deficiente, sana o enferma. El resto de nuestro carácter dependerá de lo que sea nuestra vitalidad.²³

O estrato intermediário é a alma. Aqui situam-se os sentimentos, os desejos e as emoções. Todos estes são dados particulares e privados do ser humano. É pela alma que se consegue fazer o intercâmbio entre a vitalidade e o estrato superior. Esta parte é mais assimilada pelas mulheres.

O estrato mais nobre é o espírito, isto é, a área onde cada um se sente protagonista por seus atos. É neste estrato que se processa o pensamento, o raciocínio, proporcionando clareza imediata diante dos resultados. “É claro que alguém pode passar muito tempo pensando, mas o que estará fazendo, explica o filósofo, é um encadeamento de diferentes operações do Espírito.”²⁴ O homem se identifica mais com região.

Ortega rastreia a intimidade humana e destaca que a vida passa pelo interior do desenvolvimento, onde galga desde o subsolo, a vitalidade, para a área intermediária, a alma, e alcança o nível superior, o espírito. Chegar a estes níveis exige-se esforço e cansaço. Ora, nesta dinâmica emerge o amor. “O amor é a forma de enfrentar esse cansaço, porque o amor é um descanso. O descanso ocorre quando uma alma repousa em outra.”²⁵ Quando se ama todo o ambiente ao redor melhora, pois, o amor tem a capacidade de fazer brotar no amado uma maior intensidade de viver. Por consequência, a vida se torna mais agradável e se modifica em função desse sentimento.

Afinal como germina e em que consiste a teoria orteguiana sobre o amor? A resposta surge, a partir de sua contraposição a “teoria da cristalização” do escritor francês Henri Stendhal do século XVIII-XIX.²⁶ Para Ortega y Gasset, a noção de amor do escritor francês Stendhal obscurece a consciência humana e a induz ao erro. Pode-se continuar perguntando: Como? Para Stendhal a pessoa que ama, projeta na pessoa amada virtudes que ele gostaria que ela tivesse. Todavia, quando ele se torna consciente da “matização” da sua amada, o amor finda e acontece a decepção.

Segundo Ortega esta concepção nada mais é do que fruto da época idealista e do pessimismo subjetivista em que viveu Stendhal. A relação amora é uma espécie de projeção que cristalizada pelo eu.

A teoria da cristalização é idealista porquanto faz do objeto externo para o qual vivemos uma mera projeção do seu jeito [e] é pessimista. Nela se

²¹ Cf. CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.

²² Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *Vitalidad, alma, espíritu*. In *El Espectador*. Madrid: Espasa Calpe S.A. 1966.

²³ Idem. P. 71.

²⁴ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p. 305.

²⁵ Idem, p. 306.

²⁶ Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *Estudios sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960.

tende a demonstrar que o que consideramos funções normais de nosso espírito não passam de casos especiais de anormalidades.²⁷

De onde se origina o significado da teoria da cristalização?

Se nas minas de Salzburgo se atira um ramo de arbusto e se retira no dia seguinte, aparece transfigurada. A humilde forma botânica cobriu-se de irisados cristais que recamam prodigiosamente seu aspecto. Ao ver de Stendhal, na alma capaz de amor acontece um processo semelhante. A imagem real de uma mulher cai dentro da alma masculina, e pouco a pouco se vai recamando de superstições imaginárias, que acumulam sobre a nua imagem toda a possível perfeição.²⁸

O amor idealista proposto por Stendhal conduz a um objeto que não existe, isto é, a pessoa amada não passa de uma mera representação do eu. Quem está imerso nesta teoria, no fundo não ama outra coisa que não seja ela mesma, e seu procedimento é a transposição de suas abstrações sobre o amor para algo fictício. O filósofo espanhol acentua que este tipo de pensamento revela apenas os momentos ruins e trágicos da vida, deixando de lado a alegria de viver.

Esta teoria de Stendhal, ao ver de Ortega, é um reflexo de sua vida pessoal. Em sua vida amorosa nunca conseguiu inspirar alguém a amá-lo. “No caso de Stendhal não há dúvida alguma. Trata-se de um homem que nem verdadeiramente amou, nem, sobretudo, verdadeiramente foi amado.”²⁹ O amor é um talento que nem todos conseguem adquirir. Há muitos homens e mulheres que passam por uma vida toda sem nunca ter sentido tal experiência, e nem causado alguma autêntica emoção amorosa em outra.

Com efeito, de acordo com Ortega o amor é a doação gratuita e direcionada de quem ama para o amado. Observa-se que o amor se orienta a toda uma gama distinta de relações. Isto acontece no amor para com as pessoas, para com os objetos, para com a nação, para com Deus. Contudo se nota, efetivamente, que o predomínio e a mais visível relação amorosa são do homem e da mulher. Junta-se a este fato, a concordância de Ortega com Platão de que o amor sinaliza a perfeição, quanto mais intenso for o amor, mais engendra a beleza. O amor é a própria vida em seu estado de maturidade e perfeição. A preocupação exacerbada da teoria da cristalização em enfatizar sempre o fracasso, a desilusão e as falhas do amor ofuscam a ideia de que o amor tende à perfeição, fato que para Ortega parece ser única opinião que se salva da teoria de Stendhal.

Não quero dizer que o ser amado pareça integralmente perfeito – este é o erro de Stendhal. Basta que nele haja alguma perfeição, e é claro que perfeição no horizonte humano quer dizer não o que está absolutamente bem, mas que está melhor que o resto, o que sobressai em certa ordem de qualidade.³⁰

Segundo Ortega a noção de amor para Stendhal restringe-se à dimensão da paixão, onde a imaginação comanda as ações de quem ama. O amor seria tomado como legítimo somente no campo da imaginação. Aquele que ama é fruto de uma imaginação e como tal um dia chega ao fim, carregando consigo a volta do objeto de amor aquilo que ele era.

O amor stendhaliano é uma cegueira. Aquele que ama cerra seus olhos para os problemas e defeitos da pessoa amada, podendo induzir ao erro e ao obscurecimento dos ditames do discernimento. O amante encherça somente aquilo que sua imaginação lhe encerra, não percebendo aquilo que os demais homens percebem sendo, dessa maneira, sempre uma visão positiva, favorável e tranquila do seu “objeto” amado.

²⁷ ORTEGA Y GASSET, José. *Estudos sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960, p. 81.

²⁸ Idem, p. 89-90.

²⁹ ORTEGA Y GASSET, José. *Estudos sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960, p. 84.

³⁰ Idem, p. 91-92.

Com efeito, um aspecto crítico a concepção orteguiana é a não atenção aos aspectos “inconscientes” da relação amorosa. Stendhal entende que quando as fantasias e a imaginação se tornam conscientes o sujeito deixa de amar. Isso ocorre porque a base do amor está assentada na própria pessoa, o que limita sua extensão ao objeto amado.

Com efeito, um aspecto significativo do amor em Ortega é o reconhecimento de que as relações amorosas desvelam o que somos, revela nossa intimidade, desnuda o nosso eu e despe o nosso existir, pois, nos coloca numa posição de atenção constante e nos imbuí da capacidade reflexiva diante do outro.

Isso ocorre pelo fato de o amor permanecer constantemente insatisfeito uma vez aquele que ama não encapsula para si o sujeito amado, mas antes sai de si e migra em relação ao outro. Dessa maneira, aquele que ama não toma para si o amado, não o possui em sua totalidade, muito menos o submete. Daí o dado da imaginação apaixonante não ter razão de ser. Não é o “eu”, o criador do objeto amado, mas o “eu” é um movimento de encontro e desvelo em direção do outro, que flui continuamente.

Enfim, o amor abre as portas para o relacionamento. Conforme se pode perceber a vida do ser humano é única e intransferível. É somente ele que pode dar significado e decidir sobre o que deseja em sua vida. Contudo, isso não causa um isolamento, onde se ornamente a ausência de relacionamento com as pessoas como peça fundamental. Qualquer pessoa busca travar relações com pessoas ou grupos que lhe tragam afinidades emotivas, ideológicas e etc. “Ao reconhecer na vida a única realidade fundamental, o filósofo não fechou as portas para o encontro com os outros; antes deu ao amor um papel específico na sua meditação.”³¹ O amor nesta perspectiva recebe atenção especial, pois é, por meio dele que se vai ao encontro do outro.

3) O amor como transmigração

A visão do amor de Ortega trata essencialmente da ocupação da vida humana. Para este filósofo o amor é, antes de mais nada, uma transmigração³² que o indivíduo realiza de si para o outro. Este conceito remete a um duplo movimento que é o de se sentir encantado por outro ser e o de se sentir absorvido por este ser de forma integral.

Essa condição dialética do amor revela a o entendimento fundamental acerca da vida em Ortega. Viver é encontrar-se com o mundo, isto é, um ocupar-se consigo e com todo o outro ao redor. “Todo viver é ocupar-se com lo outro que nos es uno mismo, todo vivir es convivir com um contorno”.³³

Deste modo, o amor como transmigração para Ortega é a revelação do amor como pura projeção e entrega do amante ao ser amado. “No amor, abandonamos a quietude e permanência dentro de nós e emigramos virtualmente para o objeto. E esse constante estar emigrando é estar amando.”³⁴

Esta compreensão remete a um esforço que toda pessoa deve fazer durante o decorrer de sua vida para que sua solidão ontológica não seja subterfúgio para o seu isolamento. Esta proposta de ir ao encontro do outro não acontece de forma instantânea, mas é uma aproximação gradativa de quem ama sobre o objeto amado. Esta característica sobre o amor observada por Gasset revela uma outra, isto é, o ser contínuo, na qual o amor não é tido como um súbito disparo, mas uma emanção continuada das forças do amante sobre o amado.

³¹ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p.308.

³² O termo transmigração em Ortega y Gasset não pode ser confundido ou relacionado com a teoria da transmigração da alma de Platão. Tal termo em Ortega está relacionado a capacidade do amante de sair de si e se direcionar ao amado. De ir para além de si, de inspirar-se em tendências migratórias. O sujeito que ama passa em emitir constantemente uma “irradiação” das qualidades que existem no amado em direção a amada. Deste modo, o sujeito revela-se e, ao mesmo tempo, descobre-se.

³³ ORTEGA Y GASSET, José. *Meditación de nuestro tempo*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 189.

³⁴ ORTEGA Y GASSET, José. *Estudios sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960, p.74.

O amor se prolonga no tempo: não se ama em série de instantes súbitos, de pontos que se acendem e apagam como a chispa do magneto, já que se está amando o amado com continuidade [...] o amor não é um disparo, mas uma emanção continuada, uma erradiação psíquica que do amante vai ao amado. Não; um golpe único, mas uma corrente.³⁵

Tal observação demonstra três aspectos do amor, que são: a) centrífugo, o amor é a ida do eu para o objeto amado; b) “ir virtual” para o objeto, pelo amor o amado se desdobra e se sente unido ao amante; c) “contínuo ou fluido”, o amor não é instantâneo, mas gradativo. Por fim, o amor “é um ato centrífugo da alma que vai para o objeto em fluxo constante e o envolve em cálida corroboração, unindo-nos a ele e afirmando executivamente seu ser.”³⁶

O amor tido como transmigração demonstra uma distinção essencial para Ortega sobre o que é o amor e o que são os amores. Os amores perpassam o nível dos encontros e desencontros dos homens e mulheres, que não cultivam um estado em que perdure este sentimento, em outras palavras, as relações são tidas como efêmeras. Por outro lado, o amor além da zona de relacionamento entre homem e mulher, atinge as escolhas individuais que cada pessoa realiza ao manter contato com as outras pessoas.

Frente a esta distinção, a escolha da pessoa amada demonstra uma especial atenção, pois as considerações que este filósofo elabora sobre processo amoroso revelam e esclarecem o procedimento das pessoas frente a este sentimento. Algumas pessoas dedicam uma vida na procura da pessoa amada, contrariamente a outras que não causam reação alguma.

Este caráter, então, da escolha do amado na concepção orteguiana é importante, pois revela o que cada pessoa considera como fundamental na sua vida. A relação amorosa de um homem com uma mulher é a extensão da intimidade de cada ser humano. “Ortega afirma, que na preferência pelo parceiro, manifesta-se o que há de mais íntimo no amante, aquilo que foge do controle racional da sua vontade.”³⁷ Por isso, novamente, o amor como revelação da vida.

A compreensão desta realidade abre o caminho para buscar entender como se dar alguns aspectos da relação que o homem e a mulher podem ter, ou seja, o como se processa, segundo Ortega y Gasset, a escolha amorosa de uma mulher para com um homem e vice-versa, enfim o enamorar-se.

O amor de namoro – que é, ao meu ver, o protótipo e ápice de todos os erotismos – caracteriza-se por conter, ao mesmo tempo, estes dois ingredientes: o sentir-se ‘encantado’ por outro ser que nos produz ‘ilusão’ íntegra e o sentir-se absorvido por ele até o âmago de nossa pessoa, como se nos houvesse arrancado de nosso próprio fundo vital e vivêssemos transplantados para ele, com as nossas raízes vitais nele [...] o enamorado se sente entregue totalmente ao que ama.³⁸

Estes dois aspectos do amor no namoro, o encantamento e a entrega, evidencia, que este processo é marcado pela gravitação do eu amante detido, na outra pessoa, o amado. A atenção e a preocupação serão sinalizadas na medida em que o amado estiver próximo, pois aquele que ama vive submerso na vida do outro e passa a ser dependente e, constantemente, encantado.

Contemporaneamente, costuma-se pensar que o objetivo de uma relação entre duas pessoas tem bases apenas no interesse sexual e estético. Ortega, por seu turno, trata desta questão apontando que a finalidade do encontro de duas pessoas não é apenas a procura desgarrada pela satisfação imediata do prazer. Mas, o encontro de duas pessoas

³⁵ Idem, p.74.

³⁶ Idem, p. 78.

³⁷ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p.320.

³⁸ ORTEGA Y GASSET, José. *Estudos sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960, p. 54-55.

é pura complementação. O que excede ou falta no homem ele busca no sexo oposto e assim também acontece com a mulher. O contrário pode gerar a infelicidade quando, por exemplo, ocorre a união de um homem vaidoso com uma mulher vaidosa.

Segundo Ortega, as mulheres possuem a predominância da alma e uma intimidade mais fiel, que se liga à associação entre prazer sexual e afeto. Para as mulheres fica muito mais difícil separar estes dois comportamentos do que o homem. Normalmente, costuma-se dizer que a mulher é mais fiel ao homem por que faz parte de sua educação moral rígida. Contudo, para Ortega é a própria constituição de sua personalidade que lhe a mais fiel. Esta fidelidade ainda vem acompanhada de uma postura antagônica à masculina. Os aspectos da personalidade do homem estão muito mais ligados à ideia de processo e evolução, enquanto as mulheres dão preferência aos homens ditos comuns.

No dizer do filósofo, é o próprio mecanismo natural que regula a vida feminina que rejeita o sucesso dos socialmente mais capazes [...]. Os homens que os homens julgam mais talentosos, bonitos e capazes não são os mais apreciados pelas mulheres.³⁹

As meditações de Ortega acerca do amor destacam, ainda, que esta opção das mulheres por homens medíocres é a representação da sua intimidade, que afirma depender sua felicidade não do público social, mas de si mesmo. Pelo contrário, o homem está muito mais preocupado com a reação do público social, se for admirado ou não. “A excelência varonil baseia-se, pois num fazer; a da mulher num ser e num estar; ou, com palavras: o homem vale pelo que faz; a mulher pelo que é.”⁴⁰

Sem sombra de dúvida esta questão apontada por Ortega conduz ao entendimento de que a mulher é muito mais sigilosa, compenetrada e sensível à experiência do amor que o homem. Pois, sua entrega parte de si, sua escolha não recebe nenhuma interferência social, pois, seus compromissos estão muito mais ligados à sua vida interior que o homem.

E o homem, como estabelece sua escolha? O homem se sente mais tocado pelos estímulos exteriores. Frente ao seu corpo o homem percebe menos suas percepções interiores e dá muito mais crédito ao que se passa no mundo exterior. Nesta distinção, situa-se a direção via que orienta a escolha do homem referente à mulher. Para o homem

sua preferência recai logo naquelas em cuja presença ele se sente desarmada, ou mal armado. E estas mulheres são aquelas que conseguem revelar o que elas são, deixando o corpo mais possuídos de entendimentos, sensibilidade, atenção e carinho.⁴¹

A união amorosa entre um homem e uma mulher recai no âmbito da complementaridade, a qual deságua na intenção de se livrar do excesso ou da carência. Enquanto o homem procura tender sempre mais para as situações extraordinárias e aventurosas, a mulher recebe seu papel de reguladora e prima de forma direta, através de seu relacionamento, pela cotidianidade. E mais, enquanto o homem procura cumprir suas realizações em dados objetivos, a mulher procura um aperfeiçoamento em si e, ao mesmo tempo, força o seu parceiro a procurar uma melhoria na sua intimidade.

Enfim, Ortega ao apresentar o amor como transmigração e ao estabelecer algumas distinções entre homens e mulheres no relacionamento amoroso chama a atenção para o fato de que ambos os sexos se complementam. Pela diferença que há entre os gêneros, pode-se chegar a um “produto”, que esteja livre das deficiências e dos excessos tanto de um como do outro. A mulher se realiza quando se entrega ao homem e este quando a

³⁹ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p. 324.

⁴⁰ ORTEGA Y GASSET, José. *Estudos sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960, p.38.

⁴¹ CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002, p.38.

conquista. Desta forma, o amor é fruto das manifestações vitais de cada um. Ele não pode ser situado em outra esfera que não seja a da vida de quem dele participa.

Considerações finais

A teoria raciovitalista de Ortega coloca a vida do ser humano como categoria básica para enfrentar a dinâmica da realidade. E ainda, não é um sistema que vai ser construído com a intenção de extirpar a razão, mas combate seus exageros visando apreender a realidade temporal e histórica. A “minha vida” ao ser colocada no âmbito da perspectiva e da circunstância tenciona sua inteligibilidade e inscrição existencial.

Este caráter reafirma que o amor é construído por aqueles que dele participa. Nenhum terceiro pode realizar tal obra, somente os protagonistas podem traçar o perfil da relação amorosa. É notório, que para Ortega, o amor, assim também é a vida, é projeto que busca sua realização no encontro de duas pessoas.

O enfoque orteguiano sobre o amor está em consonância com a sua proposta raciovitalista evidenciando, clarificando e desmentindo a crítica, que muitos comentadores lhe fazem, isto é, propor uma teoria que dá primazia à vida, mas torna o ser humano individualizado e “trancafiado” na sua vida. Ortega y Gasset abre e aponta a necessidade de relacionamento com as outras pessoas, e por intermédio de sua ênfase sobre o amor indica a importância da dimensão da alteridade na vida singular de cada um.

Ortega y Gasset tendo feito da vida a realidade radical, colocando sob qualquer suspeita todas as outras realidades compreende o amor no horizonte do viver de cada um, privando-o do respaldo metafísico, o qual representa para ele o horizonte de uma transcendência. O amor, desta forma, é entendido como fenômeno puramente humano, onde o encontro da vida pelo indivíduo se dar, também, no contato com o outro.

Este aspecto clareia o entendimento de que o amor não é apenas manifestações das forças que estão além da dinamicidade da vida. O amor é criação humana, que ocorreu no lado ocidental. Pois segundo Ortega, tratar do amor como fenômeno que sempre existiu é acreditar que suas características já estariam preestabelecidas, indo de encontro com circunstâncias que emergem na condição da identidade de cada pessoa.

O amor assim como a vida possui um caráter histórico. A maneira como cada época e cada geração trata as suas expressões amorosas demonstra os momentos em que o amor está em evidência ou não. Por isso, há uma dificuldade de relacionamento entre as pessoas que possuem uma diferença cronológica considerável. Não se trata da questão física, mas da compreensão de estilos e fatos que são diferentes de geração para geração.

Segundo Ortega o amor não é algo que se constitui na base da mera imaginação. O amor é o encontro da pessoa com seu sujeito amado, que deixa a tranquilidade e a segurança e migra virtualmente em direção do amado. Tal itinerário revela o caráter de encontro que demanda da compreensão do amor. Além da união física é uma convivência simbólica que exige conhecimento e independe das categorias tempo e espaço, em outras palavras, amar é uma vivificação constante e uma perene criação e conservação intencional do amado na “minha vida”.

Como se percebe a concepção de amor em Ortega é uma concepção que eleva a positividade do amor ao extremo. O detrimento da imaginação como algo meramente fictício que nos condena a um agir condenado pela ilusão é superação pelo ato consciente de quem ama. Amar em Ortega é o uso da razão em busca de meios que o façam avançar no campo das descobertas, do conhecimento. Amar é procurar.

Assim, o itinerário traçado por Ortega no que se refere ao amor propõe sugere afirmar que a escolha do sujeito amado revela os traços da daquele que escolhe, pois as ações que direcionam tal escolha estão alicerçadas nas convicções e modos de ser do amante. Amar dessa forma, não se traduz em imaginação, mas em revelação.

Referências

- ABBAGANANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.
- CASAGRANDE, Lino. *Vida e razão: a crítica de Ortega y Gasset à filosofia contemporânea*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. In.: *Obras completas de José Ortega y Gasset*. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966.
- _____. *A rebelião das massas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Estudos sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1960
- _____. *História como sistema*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.
- _____. *Meditación de nuestro tempo*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- _____. *Ni vitalismo ni racionalismo*. *Obras Completas*. 2. reimpressão, v. III. Madrid: Alianza, 1994.
- _____. *Que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1971.
- _____. *Unas Lecciones de Metafísica*. México: Editorial Porrúa, 1998.
- _____. *Vitalidad, alma, espíritu*. In *El Espectador*. Madrid: Espasa Calpe S.A. 1966.
- PLATÃO. *O Banquete*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Amor*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa: do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

Doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPGCASA-UFAM,
Ano de 2018)

Professor do Instituto Federal do Amazonas, Manaus
E-mail: jose.cavalcante@ifam.edu.br